



O SOFRIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA DO LIVRO DE JÓ

*Profa. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade**

Resumo: A questão do sofrimento humano representou um grande desafio para o movimento sapiencial no antigo Israel. O presente artigo tem por objetivo provocar uma reflexão sobre os limites do conhecimento teológico, tomando por base a problemática do sofrimento humano à luz do livro de Jó.

Palavras-chave: Jó, a questão de Deus, gratuidade, sofrimento, limites do conhecimento teológico.

Abstract: The question about the human suffering represented a great challenge for the ancient Hebrew Wisdom movement. The present article aims to cause a reflection on the limits of the theological knowledge, considering the problem of the human suffering in the book of Job.

Keywords: Book of Job, the question about God, suffering, limits of the theological knowledge.

Vivemos num mundo cheio de receitas mágicas oferecidas em manuais de felicidade. A ideologia da prosperidade acredita que o segredo para alcançar riquezas está num jogo de interesses entre o ser humano e Deus. Os propagadores dessa ideologia, disfarçada de teologia, tomam por base os versículos finais do livro de Jó (42,10-16) para afirmar que quanto mais dinheiro se ofertar na igreja maior felicidade se alcança. Para a ideologia da prosperidade, a correspondência entre o desejo do ofertante e sua realização é denominada de *bênção*. Aqui parece estar a fórmula atual da *pedra filosofal* ou o *toque de Midas*.

Ao contrário, os versículos finais (42,10-16) são um acréscimo e destoam visivelmente do texto poético cujo objetivo é questionar os pressupostos das escolas sapienciais daquela época com relação à questão do sofrimento humano¹. O livro sequer dá uma resposta ou uma causa para esse problema, pois a obra termina com o protagonista humildemente

¹ PIXLEY, J. "Jó ou o diálogo sobre a razão teológica", *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v. 16, n. 40, p. 333-343, set./dez. 1984.

admitindo seu pouco conhecimento sobre Deus, e que a experiência pessoal foi mais importante que a obtenção de respostas (Jó 42,3.5).

Em que consiste, então, a atualidade de Jó? Em nos questionar sobre os limites do conhecimento teológico. Em outras palavras, em nos provocar algumas questões: como fazer teologia diante do mal, da dor e do sofrimento? É possível falar sobre o Deus da vida para um aidético? Tem sentido anunciar o amor de Deus aos pais de um bebê cancerígeno? Saberíamos explicar o porquê de uma experiência degradante da dignidade humana? Poderíamos falar da filiação divina quando a fatalidade parece impor-se?

Os limites do conhecimento teológico

A Escritura trata da Revelação de Deus e da resposta humana, ou seja, do encontro entre ambos. Desde as primeiras páginas, a Bíblia afirma a proximidade de Deus que passeia pelo jardim à procura do ser humano que foge de sua presença por causa da culpa (Gn 3,8). No entanto, a Escritura também menciona o Deus escondido. O profeta exclama: “Na verdade, tu és um Deus que Te ocultas, oh Deus de Israel, Salvador” (Is 45, 15). Um Deus que é visto somente pelas costas (Ex 33,18-23).

Esse aparente jogo de esconde-esconde significa, sobretudo, que o encontro realiza-se entre sujeitos livres. Assegura que um não é anulado ou manipulado pelo outro, mas a alteridade é preservada. Esse paradoxo garante a *luminosidade e a obscuridade*² do mistério de cada um, e resguarda a liberdade do Criador e da criatura.

Dessa forma, o tema principal da teologia, revelação e fé, resume-se ao encontro entre Deus e o ser humano e, portanto, o objeto da teologia é Alguém e não um problema a ser resolvido pelo intelecto. A experiência com Deus dá-se no nível intersubjetivo, é um conhecimento entre pessoas, entre sujeitos livres. O saber teológico é alcançado através do relacionamento, do envolvimento amoroso-afetivo entre quem conhece e quem é conhecido. Então, se Deus não é um objeto de conhecimento como o das demais ciências, não podemos possuí-lo, utilizá-lo. Disso se conclui que não há possibilidade de manipulação do divino pelo humano e assegura-se a indisponibilidade de Deus para a total apreensão humana.

² Cf. RAHNER, Karl. *L'Homme à l'écoute du verbe: fondements d'une philosophie de la religion*, Paris: Mame, 1968, p. 69-89 e 131-149.

Os amigos de Jó, no entanto, têm um esquema teológico ao qual pretendem submeter Deus. Trata-se de uma chave de leitura bem limitada da realidade. Tal princípio hermenêutico rege-se pela bipolaridade justiça-bênção e injustiça-castigo. É uma visão mecanicista da vida e das relações. Supõe que as ações humanas desencadeariam a felicidade ou a infelicidade. O futuro do ser humano dependeria da submissão a essa ordem da qual nem Deus poderia fugir. Esse tipo de cosmovisão não deixa espaço para as liberdades (humana e divina) em relação intersubjetiva.

O livro de Jó coloca em xeque esse tipo de sabedoria, pois esta não dá conta dos diversos aspectos da realidade, nem cede lugar à gratuidade de Deus. Sendo o sofrimento um dos aspectos mais impressionantes da realidade, então deve ser considerado teologicamente sem a preocupação de uma resposta *a priori*, mas como *ato segundo*³.

A resposta à questão do mal e do sofrimento não pode estar pronta antes mesmo de se colocar a pergunta. Senão o ato de perguntar torna-se uma farsa, uma mera formalidade. Fazer teologia depois de Jó sequer garante que haverá uma resposta. Tal teologia não está preocupada antes de tudo em fazer apologia de Deus perante o sofrimento, mas sim em defender o sofredor de quem Deus mesmo é o *go'el* (Jó 19,25).

O autor de Jó nos ensina a considerar primeiramente o sofrimento como realidade concreta que desafia a teologia e seu método. A questão que se põe é como fazer teologia, tendo em conta as situações limites do ser humano.

Em primeiro lugar, esse desafio exige da teologia uma postura capaz de privilegiar a experiência de Deus e não o conhecimento puramente racional. Pois "o que sacia e satisfaz a alma não é o muito saber, mas o sentir e saborear as coisas internamente" (EE 3)⁴. Trata-se de fazer a experiência de Deus na totalidade da vida, percebendo a ação divina em todas as situações.

Dessa forma, o sofrimento passa a ser teofania. Manifestação do Crucificado que chama a teologia à conversão. Assim, o sofrimento também é perpassado pela graça, pois Deus mesmo é solidário com as vítimas, já que o Filho viveu concretamente essa realidade.

³ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*, Petrópolis: Vozes, 1983, 4ª ed., p. 24.

⁴vingador, libertador.

⁴ INÁCIO DE LOYOLA, Santo. *Exercícios Espirituais*, São Paulo: Loyola, 2000.

A *kénosis*⁵ de Cristo (Fl 2,5-11) exige da teologia uma total abertura *kenótica*. Tal atitude, prévia ao discurso teológico, significa entrega “do centro mais profundo do próprio eu, teimosamente protegido e defendido pelo ser humano”⁶.

Nem Deus, nem a vida humana com suas limitações, devem se adequar ao discurso teológico; mas quem teologiza é que precisa sair de si, desapegando-se de idéias preconcebidas e solidarizando-se com o sofredor, para que assim possa fazer uma verdadeira experiência de Deus e levar quem sofre a fazê-la também. Pois somente depois de experimentar Deus pela mediação de Jó, homem das dores, a teologia poderá não apenas ter uma palavra para o clamor do sofredor, mas antes, ser o **eco** do grito angustiado de quem vive uma situação fronteira da vida.

O livro de Jó mostra-nos que, perante o mundo, a teologia é o grito do sofredor. E para as situações drásticas da vida, é silêncio. Não se apresenta, antes, como discurso, mas como solidariedade, compadecimento, inserção.

Grito e silêncio apontam para Deus — sentido último do incompreensível e do indizível — e para a Sua decisão eterna de redimir a humanidade⁷. A redenção torna-se então a razão de ser da vida humana. Por causa dessa decisão eterna de Deus, aconteceram os eventos da história da salvação, desde o primeiro passo que foi a Criação, depois a Encarnação e a Paixão-Ressurreição.

Esse Deus não pode ser o responsável pelo sofrimento. Ele criou o ser humano para a vida em plenitude (Jo 10,10) como mostram os relatos da Criação (Gn 1-2) e a Carta aos Hebreus (Hb 4, 10-11. 15-16). Fomos criados para ter acesso total a Deus, para receber a vida que é própria da Trindade, para sermos filhos no Filho (Ef 1, 3-14).

As três Pessoas Divinas estão empenhadas nessa obra redentora. É isso que fazem (EE 108). Estão comprometidas na redenção do gênero humano desde a eternidade. É um “fazer” que traz como consequência uma imergência do Filho na realidade de morte (Hb 2,17-18). A máxima imersão de Deus nas realidades humanas corresponde à máxima elevação do ser humano à esfera de Deus. Uma teologia não imersa na

⁵ *Kénosis* significa “esvaziamento” e traduz a totalidade da vida de Jesus, servo sofredor, morto na Cruz.

⁶ Cf. FERNANDEZ de la CIGOÑA, José Ramón. “Esoterismo e experiência de Deus nos Exercícios Espirituais”, *Itaici*, 11 (1993) 75-84. O texto citado encontra-se na p. 82.

⁷ “Façamos a redenção do gênero humano” (EE 107).

realidade é forjada artificialmente, é um artefato, um ídolo que não nos eleva até Deus. Por isso, no final do livro de Jó, a teologia, ali representada pelos “amigos”, precisa retratar-se porque não falou corretamente de Deus (Jó 42,7-9).

Então, a teologia é mística e mistagogia. É uma contemplação, i. e., visão ampla e profunda sobre o Mistério de Deus e, da mesma forma, sobre as realidades humanas. Exige de quem teologiza uma conversão contínua e sempre inacabada. Permanente mistagogia e anagogia⁸.

Jó convida a teologia à conversão

A leitura do texto de Jó nos chama à consciência. Em primeiro lugar, mostrando que o núcleo da teologia está fora dela mesma, de seus manuais e de seus sistemas. Seu centro não pode ser outro senão o anúncio de Jesus Cristo e o Projeto de Deus para a salvação da humanidade, aquela decisão eterna que as Três Pessoas Divinas estão empenhadas em fazer acontecer.

O projeto de Deus é uma realidade dinâmica. Uma ação permanente sobre as realidades históricas, principalmente sobre aquelas situações limites do ser humano. É o Reino enquanto sentido último de tudo, no qual os sofredores são protagonistas, porque sua situação significa uma negação do amor e da vida. A existência desses que figuram como Jó questiona uma teologia confortável de escritório⁹. Ainda mais no contexto atual, marcado pela valorização do extraordinário e desvalorização do compromisso. Isso faz com que a teologia sofra a tentação de voltar ao dualismo religioso que expulsa Deus da vida humana e O faz impassível, recolhido à esfera do sagrado como um empresário em férias nas Bahamas.

Um Deus, assim exilado da história, aparece aos míopes na fé como fiscal, castigador e vingador. Sua relação com a humanidade aconteceria apenas com poucos *iluminados, eruditos e abençoados*. Para os demais seria um desconhecido, encontrado apenas através de *gurus* ou *homens de poder*. Buscado através de mediadores e mediações, *correntes, campanhas e promessas* com as quais se espera alcançar o favor divino, como acontecia nos mitos das antigas civilizações.

⁸ Mistagogia= iniciação ao Mistério; anagogia= elevação para Deus, saída de si.

⁹ Cf. ELLACURÍA, Ignacio. “El pueblo crucificado. Ensayo de soteriología histórica”, in ASSMANN, H. et. al., *Cruz y resurrección: presencia y anuncio de una iglesia nueva*, México: CRT, Zalapa, 1978, p. 49-82.

Jó convida a teologia à contemplação

No início do livro de Jó, a sabedoria (representada pelos amigos) senta-se no chão, ao lado do sofredor e o contempla. Este gesto é um convite para que a teologia de hoje abandone o seu pedestal de saber e solidarize-se com o sofredor para, a partir desse lugar, poder contemplar Deus.

Contemplação, em seu sentido profundo, quer dizer abertura do campo de visão. Exige que se tenha um olhar profundo diante dos fatos. Supõe que, em situações limite, o teólogo deve encontrar-se com Deus de forma mediada e imediata. Ou seja, imediata como diz Jó: “Conhecia-Te só de ouvido, porém agora meus olhos te veem” (Jó 42,5). Experiência também feita pelos samaritanos (Lc 4,42). E mediada pelo engajamento nas realidades concretas da vida.

A teologia é, primordialmente, contemplação. Uma atividade praticada por quem se encontra com Deus, amplia seu campo de visão, “oferece-lhe todo seu querer e liberdade” (EE 5) e deixa-se recriar numa profunda unificação interior. Essa atitude contemplativa torna-se uma maneira de existir, um estado contínuo e intenso de união com Deus e tem como resultado a ação evangélica.

Jó convida a teologia à compaixão

A teologia poderá não ter uma explicação para o sofrimento, a dor e o mal, como também o autor de Jó no final do livro. Mas, sua palavra será um apelo em favor dos crucificados desse mundo, para que tenham esperança e visão mais ampla do seu próprio sofrimento. Quando a dor for consequência da injustiça, a teologia será profecia, instrumento do Reino e de vida plena. A teologia será um convite a que todo sofredor descentralize-se do próprio eu e faça aquela abertura *kenótica* que possibilita o encontro com o Deus compassivo, pois a cruz de Cristo revela uma compaixão¹⁰ em Deus.

Alguns dentre os Padres da Igreja, entretanto, deram muito enfoque à *apatheia*¹¹ de Deus. No entanto, a patrística não queria negar a compaixão divina pelo sofrimento humano, mas apenas confrontar a fé

¹⁰ O “sofrimento” em Deus não é do mesmo tipo daquele que afeta a criatura que é o **padecimento** (*pathos*), mas o sofrimento próprio de quem ama que é o **compadecer** (*sympatheo*).

¹¹ **Apatheia** significa **não sofrimento**, i.é., Deus **não sofre** como uma criatura. *Apatheia* é oposto de *pathos* (sofrimento imposto, comum às criaturas sensíveis: seres humanos e animais).

cristã com as mitologias pagãs antropomórficas. Quando a teologia afirma a *apatheia* de Deus pretende dizer que a vida divina é inesgotável e sem limites, em nada pode passar da potência ao ato, é imutável — em Deus não há progresso, desenvolvimento. Entretanto, essa imutabilidade de Deus não significa que Ele seja indiferente aos eventos humanos.

“A sã reação do sofrimento está mais próxima da imortalidade do que o embotamento de um sujeito insensível” (Santo Agostinho, *En. in Ps.* 55,6, PL 36). A piedade cristã descarta a ideia de uma divindade indiferente às vicissitudes de Sua criatura. A compaixão, que é uma perfeição das mais nobres no ser humano, deve existir em Deus. “A compaixão não é uma falha de poder” (Papa Leão I, *DS* 293). Nada impede que a compaixão possa coexistir com a bem-aventurança eterna.

Portanto, a teologia de hoje, ao focar mais a compaixão de Deus do que Sua *apatheia*, visa preocupar-se mais com o ser humano e menos com os manuais. Objetiva exercer mais o *intellectus amoris* e o *intellectus misericordiae*¹² do que dar explicações sobre as causas ontológicas do mal e do sofrimento.

Para além de Jó: a elevação do ser humano

Em contrapartida à compaixão de Deus, os Padres enfatizaram a deificação (*theosis*) do ser humano. “O Verbo de Deus se fez homem para que o homem seja feito Deus” (Santo Atanásio de Alexandria, *De Inc. Verbi Dei*, 54,3, SC 199). A verdadeira humanização, portanto, atinge seu cume na deificação, no acesso à Trindade. A *theosis* é a verdadeira e suprema humanização. Cristo ressuscitado é o humano pleno. Viver a vida de Cristo é viver a sublime vocação da humanidade.

O ser humano torna-se próximo de Deus, porém, menos por sua capacidade intelectual do que pela conversão do coração. Criado à imagem e à semelhança de Deus, é convidado à comunhão com a vida divina, como única possibilidade de saciar plenamente suas aspirações mais profundas, que nada mais são do que a sede de Deus. “Quanto mais profundamente Jesus Cristo desceu em Sua participação na miséria humana, tanto mais alto o ser humano se eleva na participação em Sua vida divina” (S. Máximo Confessor, *Cap. theo.*, PG 90). A deificação não

¹² Cf. SOBRINO, Jon. “Teología de un mundo sufriente. La teología de la liberación como ‘Intellectus Amoris’”, *ReLat* 15 (1988) 243-266. Idem. “¿Cómo hacer teología? La teología como *intellectus amoris*”, *Sal Terrae* 910 (1989) 397-441. Idem. “La Iglesia samaritana y el principio-misericordia”, *Sal Terrae* 927 (1990) 665-678.

atinge plenamente seu fruto senão na visão do Deus trinitário que comporta a bem-aventurança na comunhão dos santos. A deificação, portanto, nunca será uma conquista humana, é graça de Deus: somos filhos no Filho.

**Profa. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade*

Mestre e Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE

Professora da Faculdade Católica de Fortaleza-FCF